

O IMPACTO DA ADAPTAÇÃO ESCOLAR NAS RELAÇÕES DE APEGO: UM ESTUDO DE CASO

Fernanda Ramos Kaizer

Augusto Cesar Romero de Resende (Professor orientador)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um tema que permeia a área da educação infantil. Aborda o processo de adaptação escolar além de pontuar como a adaptação escolar pode impactar no desenvolvimento da relação de apego, como ela pode influenciar na relação de apego da criança com o seu meio e como a relação estabelecida com o cuidador central pode impactar na fase de adaptação escolar de uma criança de três anos de idade, pontua-se também como a mãe lida com a situação de optar por matricular a criança na creche. Foi feita uma pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso e foram abordadas questões como, adaptação escolar e relação de apego, foi descrito também sobre a educação infantil, mudanças de comportamento da criança ao ser matriculada e pós-matricula. Conclui-se que é através da compreensão e acolhimento da família e da escola que é possível que os processos de adaptação e os estágios de apego sejam respeitados.

Palavras – Chave: Adaptação escolar, Educação infantil, Relação de apego

ABSTRACT

This article aims to present a theme that permeates the area of early childhood education. It addresses the process of school adaptation and also points out how school adaptation can impact the development of the attachment relationship, how it can influence the attachment relationship of the child with their environment, and how the relationship established with the central caregiver can impact the school adaptation of a three-year-old child, it is also noted how the mother handles the situation to choose to enroll the child in the day care. A qualitative research was done by means of a case study and questions such as, school adaptation and attachment relationship were also discussed, it was also described on the education of children, changes in the behavior of the child upon enrollment and post-enrollment. It is concluded that it is through the understanding and acceptance of the family and the school that it is possible for the processes of adaptation and the stages of attachment to be respected.

Keywords: School adaptation, Childhood Education, Attachment Relationship

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre o processo de adaptação escolar e como ela pode influenciar na relação de apego da criança com o seu meio e como a relação estabelecida com o cuidador central pode impactar na fase de adaptação escolar de uma criança de três anos de idade, tem como objetivo ainda tratar como a mãe lida com a situação de optar por matricular a criança na creche. A definição do objetivo deste artigo é dada pela experiência de trabalhar com educação infantil há sete anos e por muitas vezes não saber lidar com uma situação de choro da criança ao ser retirada do colo da mãe. Muitas vezes pude observar que a mãe não consegue esconder sua angústia ao deixar o filho na creche.

Segundo Ferreira (2007) ao se tratar de adaptação escolar é importante que pensemos também na família. Buscou-se então abordar alguns aspectos maternos, ou seja, como a mãe ao optar por colocar seu filho na creche lida com essa situação. Segundo Winnicott (1980) para a construção do ser psíquico é fundamental que haja relação mãe-bebê. É a partir dessa relação que o bebê terá contato com a vida e estímulos, formando assim suas representações.

Segundo Balaban (1988) um dos sentimentos mais vividos pela mãe no período de adaptação de seu filho é a preocupação, outros sentimentos que surgem no momento da adaptação são tristeza, culpa e a insegurança em saber se as profissionais da escola irão cuidar bem do seu filho. Muitas vezes os pais não possuem um auxílio para cuidar dos seus filhos, sendo assim veem na creche um suporte para que consigam administrar outras situações de sua rotina, isso manifesta nos pais, muitas vezes uma sensação de que escolher matricular em uma creche é uma escolha imposta trazendo assim angústia, incerteza e sofrimento (ROSETTI-FERREIRA; AMORIM; VITÓRIA. 1994).

A criança firma afetividade com as pessoas da creche as quais transmitem segurança para que ela possa explorar coisas novas, em casa, geralmente os pais são essas pessoas de segurança, principalmente a mãe. O processo de adaptação ao ambiente da creche deve ser mediado pelas outras pessoas, no caso, familiares e os educadores da creche onde a criança está inserida (VITÓRIA, ROSSETTI-FERREIRA. 1993).

Ao longo dos anos a Educação infantil veio ganhando vários defensores pelo caminho diante da educação no Brasil, sendo defendida principalmente em questões como cuidado e educação de fato. A creche é um espaço promotor do cuidado que inclui toda família e desenvolve um importante papel com as crianças, visto que possibilita que a criança desenvolva através de novas experiências (DANTAS, 2015).

Segundo Nascimento (2017) antigamente a educação das crianças era tido como responsabilidade da família, principalmente das mães, as crianças que eram consideradas abandonadas era cuidadas por parentes próximos, nesse contexto muitas crianças morriam, ainda segundo o autor antes da proclamação da república entidades foram criadas a fim de combater a mortalidade infantil. Com a abolição da escravatura no Brasil alguns problemas começam a aparecer, como o de qual seria o destino dos filhos dos escravos, foram criados internatos com intuito de cuidar das crianças pobres. Nesse período não haviam conhecimentos acerca das particularidades de cada criança. Segundo Rizzo (2003) a criança era configurada como sem valor individual de ser humano. Com o tempo, espaços destinados para as crianças foram sendo criados (NASCIMENTO, 2017).

A educação infantil tem papel indispensável no desenvolvimento da criança, porém muitas pessoas não compreendem o quão grande é a contribuição que a mesma traz. Neste estágio educacional, a criança tem a possibilidade de desenvolver mediante atividades lúdicas (SANTANA; MATA, 2016).

A educação de crianças de 0 a 5 anos em creche e pré –escolas tem sido vista, cada vez mais, como um investimento necessário para seu desenvolvimento desde os primeiros meses até a idade de ingresso na escolarização obrigatória (OLIVEIRA, 2013, p.25).

Segundo Vygotski (1998), é através da interação e mediação com o professor que a criança se desenvolve, sendo assim, a educação infantil tem função de desenvolver habilidades que dão a possibilidade para interiorizar e compreender o universo infantil.

A matrícula de bebês em creches, principalmente de até um ano de vida, tem trazido muitas contestações tanto para leigos, quanto para estudiosos. É uma questão que demanda a separação, mesmo que seja por algumas horas. O trabalho com crianças exige um cuidado extremo, além de muito carinho. Com crianças maiores, o cuidado tende a ser diferenciado. Sendo assim, é de extrema importância a busca

por conhecimento e é fundamental estudos aprofundados. Estamos vivenciando um contexto social o qual muitas mães necessitam retornar ao mercado de trabalho alguns meses após o nascimento do bebê. (RAPOPORT; PICCININI, 2001).

O bebê em sua relação com a mãe demonstra um padrão referente ao que esperar da mesma, essa é a forma que o apego se estabelece, o bebê com apego seguro aprende a ter confiança e segurança não só em suas habilidades, mas também em seus cuidadores. Ter essa segurança faz com que a criança explore mais o ambiente e tem confiança para estabelecer outros vínculos, assim podendo continuar seu desenvolvimento (MARTORELL, 2014).

É necessário que todos dentro da creche tenham ciência de que o período de adaptação da criança é de extrema importância, sendo assim, não é indicado esperar um processo padrão e sim um processo que requer cuidados, preparo e principalmente acompanhamento (RAPOPORT, 2005).

Segundo Goldschmied e Jackson (2006), ao trabalhar com crianças, o adulto tem que certificar o bem-estar das mesmas, assim como a felicidade delas neste contexto. As autoras falam ainda que o adulto tem um papel importantíssimo no molde de comportamento das crianças, mas podem optar por fazer de forma autoritária ou cooperativa, porém avaliam que quando o atendimento é cooperativo, a adaptação escolar se torna menos dolorosa.

Para Abeleira (2008) a adaptação é o processo da separação gradual das crianças dos pais e do âmbito familiar por um período do dia enfrentando novas convivências em uma escola, onde os profissionais devem passar confiança às crianças para que assim elas se sintam seguras.

Segundo Rapoport (2005) o período de adaptação para um bebê inserido em uma creche é diferente de uma criança para outra, sendo assim, acredita-se não ser necessária a imposição de um tempo para tal, haja vista que caso a criança tenha uma dependência maior da mãe ou a mãe tenha uma dependência maior da criança, o período de adaptação pode ser prolongado. Ainda de acordo com a autora esse processo pode sofrer regressão mesmo essa criança já estando adaptada, isso pode ocorrer por diversos fatores, sendo estes externos ou pelo próprio desenvolvimento da criança. Já para Vitória e Rossetti-Ferreira (1993), a adaptação escolar é um

processamento bem difícil, o período de adaptação é iniciado a partir do momento que os pais da criança tomam a decisão de colocá-la em uma creche.

Em países escandinavos e países como França, Itália e Israel, a adaptação escolar é vista como algo de extrema importância, nestes locais a inserção de crianças pequenas na creche é algo comum (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993).

Um cuidado especial com os processos de adaptação tem sido considerado extremamente importante para garantir um atendimento de qualidade, capaz de propiciar boas condições para um desenvolvimento integral e sadios das crianças, particularmente do ponto de vista social e emocional (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p.56).

Durante o período de adaptação escolar, cada criança reage de uma forma. De acordo com essas reações, as pessoas envolvidas com a adaptação acabam definindo determinados casos como uma adaptação boa ou ruim, ou até mesmo denominar que uma criança teve adaptação escolar satisfatória ou insatisfatória. É comum vermos em período de adaptação crianças chorando tanto quando os pais as deixam, quanto na hora de ir buscá-las (RAPOPORT; PICCININI, 2001). Ainda assim podemos pontuar segundo Balaban (1988), que chorar não é a única reação de uma criança em fase de adaptação escolar, cada criança reage de uma forma, algumas crianças gritam, ficam de mau humor, batem, deitam no chão, já segundo Vitória e Rossetti-Ferreira (1993), algumas crianças reagem com resistência à alimentação, passividade, apatia, resistência ao sono ou até ficam doentes.

Quando nos referimos ao processo de adaptação que ocorrem na creche, estamos considerando diferentes pessoas, com diferentes papéis sociais. Todos os envolvidos nesse processo, além da criança, a mãe em particular e o(a) educador (a), vivenciam-no com intensidades e características variáveis frente a mesma situação, e os esforços de adaptação realizados influenciam as reações das crianças e são por estas influenciados (VITÓRIA; ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p.56).

Ao matricular a criança na creche a mãe supõe que haja a continuidade e regularidade do processo de vínculo entre ela e o bebê. Neste contexto entende-se que o bebê que cuidado, alimentado e tratado com carinho irá desenvolver um ligação de confiança com sua mãe ou seu cuidador principal (BARROS, 2002).

Apesar dos bebês apresentarem alguns comportamentos semelhantes, cada um demonstra uma personalidade diferente, visto que existem fatores que fazem com que isso seja apresentado, que são fatores como nossas emoções, temperamento, comportamentos e pensamentos que fazem com que cada um de nós sejamos únicos. A junção das relações sociais com o desenvolvimento da personalidade

denomina-se desenvolvimento psicossocial e isso ocorre desde a primeira infância (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2009).

Segundo Van Ijzendoorn (2005), o apego é denominado como um vínculo emocional que se acomoda entre a criança e a mãe ou o pai, haja vista que para se ter um melhor entendimento sobre esse vínculo é necessário que tenhamos um entendimento melhor sobre os inúmeros tipos de apego além de avaliar o impacto que esse vínculo causa no desenvolvimento da criança.

A observação aos cuidados dados às crianças na primeira infância e ainda o desconforto da criança em se separar da mãe fez com que o psiquiatra especialista em psiquiatria infantil e psicanalista inglês John Bowlby (1907-1990) começasse a estudar acerca do efeito do cuidado materno sobre a criança em seus primeiros anos de vida. Para Bowlby, o apego é como um mecanismo básico de nós seres humanos, como um comportamento programado biologicamente relacionado às necessidades de sobrevivência, através de seus estudos pôde-se perceber a importância desse vínculo mãe e bebê. Segundo Bowlby (1969-1990), a relação de apego da criança com algum cuidador, depende da sensibilidade deste com a criança, ou seja, é através dos cuidados recebidos pelo adulto que a criança estabelece uma relação de apego. Bowlby afirma que o apego tem função de sobrevivência para criança, visto que promove e mantém a proximidade segura com seu cuidador principal (RAPOPORT; PICCININI, 2001). Segundo Averbuch (1999) a relação educador-bebê é fundamental para avaliar a adaptação em uma creche, o autor aponta que isso advém de um processo de adaptação mútua entre o bebê e a creche.

A teoria do apego de Bowlby (1969/1990) postula que a tendência para se estabelecerem fortes relações de apego com determinada pessoa é uma necessidade básica tão importante quanto à alimentação e o sexo (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p.82).

O apego é considerado uma conexão entre duas pessoas, e acontece geralmente entre bebê e cuidador central. Estudos indicam diferentes padrões de apego. O apego seguro, o qual o bebê ao enfrentar uma situação estressante consegue se sentir confortável com mais facilidade, o apego evitante, quando é difícil o bebê chorar quando é separado de seu cuidador e ainda, quando o cuidador retorna, evita o contato, no apego ambivalente ou resistente o bebê sente um forte desconforto, ou seja, fica muito ansioso antes do cuidador se retirar, ficando agitado durante sua

ausência assim como busca e resiste o contato quando o mesmo retorna e o apego desorganizado o qual após a separação do bebê com seu cuidador principal, tem comportamentos incoerentes quando o cuidador retorna (MARTORELL,2014).

Apego é um vínculo emocional recíproco e duradouro entre um bebê e um cuidador, cada um dos quais contribuindo para a qualidade do relacionamento. De um ponto de vista evolucionista, os apegos tem profundo valor adaptativo para os bebês, garantindo que suas necessidades psicossociais e físicas serão atendidas (MARTORELL, 2014, p.151).

Segundo Van IJzendoorn (2005) o apego a um cuidador central faz com que a criança consiga regular suas emoções em momentos de tensão e estresse, o apego é importante no desenvolvimento infantil não deixando de ser importante ao longo da vida. Os primeiros contatos dos bebês estão atrelados à concepção de que um vínculo é desenvolvido com um cuidador ou com a sua mãe, porém alguns estudiosos dizem que apesar dessa afirmação, existe uma dificuldade no entendimento de como esse vínculo se estrutura. Com essas divergências pudemos verificar o surgimento de várias outras teorias e com isso o surgimento de uma concepção ampla acerca do desenvolvimento infantil (SCHERMANN; BRUM, 2003).

Segundo Bowlby (1969), a fase de apego começa após os seis meses de vida e que fica mais claro após um ou dois anos. Nesse caso acredita que o apego é inexistente ao nascimento. Já Winnicott (1956) acredita que o apego é presente ao nascer e no decorrer dos anos essa dependência vai diminuindo, sendo assim, pode-se dizer que os dois pensamentos divergem entre eles, por outro lado, Bowlby e Winnicott concordam ao dizer que é de extrema importância a relação entre mãe e filho para o desenvolvimento do mesmo, ainda que para um exista a relação de apego e para o outro, relação de dependência.

MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso com uma criança de três anos de idade. Foi feita uma entrevista semiestruturada que segundo Manzini (1991) é uma entrevista a qual está focada em um roteiro feito para que a entrevista aconteça, porém podendo haver complementos dependendo as circunstancias da entrevista. A mãe e a professora da criança foram entrevistadas para que fossem pontuados quais comportamentos apresentados quando a criança foi matriculada e três meses após sua matrícula e quais os comportamentos mais

predominantes antes da inserção na creche. Para que suas identidades fossem preservadas foram utilizados nomes fictícios para esse estudo.

A entrevista com a mãe e com a professora ocorreu no Centro Educacional onde o aluno estuda, as entrevistas foram gravadas. A entrevista com a mãe durou em média trinta minutos, tempo este que ela pode relatar a respeito do comportamento de seu filho antes e depois de ser matriculado na creche. A entrevista com a professora foi feita em seu horário de intervalo, pudemos conversar por cerca de trinta minutos assim como em conversa com a mãe da criança.. Na busca de um melhor entendimento sobre o tema supracitado, a princípio buscou-se pesquisar a respeito em livros e artigos em sites como Scielo, Google acadêmico, PepsiCo e Bvs - psi, utilizaram-se como descritores adaptação, educação infantil e relação de apego trazendo assim um pouco mais de entendimento sobre o impacto que o apego traz na adaptação escolar. O período de busca para pesquisa foi entre 2002 a 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a realização de entrevista semiestruturada com mãe e professora de um aluno de um Centro Educacional particular do município de Vitória/E.S, serão discutidas algumas questões de acordo com os resultados adquiridos. O Centro Educacional escolhido tem como ideia salas com turmas reduzidas, neste caso o aluno matriculado no mês de março de 2019, está inserido em uma sala com mais nove crianças, considerando que dez alunos é o número limite para turma. As questões colocadas para a reflexão e resposta da mãe foram: Como o aluno se comportava antes de ser matriculado na creche, como era seu comportamento uma semana após sua matrícula, tal como, brincava sozinho ou pedia ajuda de seus pais ou avós, como era sua interação familiar, ou seja, costumava se aproximar mais ou afastar-se e como está seu comportamento agora três meses depois de matriculado. Para professora foram feitas as mesmas perguntas, porém a pergunta a respeito de antes de ser matriculado não caberia à mesma.

Considerações sobre comportamento

Em período de adaptação escolar é necessário que tenhamos a compreensão de que a criança deve se sentir acolhida, ou seja, a criança necessita de um espaço acolhedor e agradável o qual ela se sinta bem e não ao contrário, pois é um espaço

favorável para novos conhecimentos e descobertas. Pensando nisso, os profissionais devem ter a percepção da importância do acolhimento nesses primeiros dias da criança na escola para que assim possa diminuir a aflição desse processo e fazer com que a criança tenha uma adaptação satisfatória (MENON; CORSO, 2012).

Segundo Rapoport e Piccinini (2001), durante o período de adaptação a criança tem diversos comportamentos diferentes devido à insegurança e questões relacionadas à separação da mãe neste período. O autor afirma que esses comportamentos são feições assustadoras, medo e choro.

Em entrevista semiestruturada a mãe e a professora esclareceram algumas questões sobre o comportamento do aluno durante o período de adaptação, foi questionado a respeito de seu comportamento durante o período de três meses a partir do dia de sua matrícula, no mês de março.

Antes da matrícula:

Luisa, mãe de Guilherme, nos relata que antes de matricula-lo na creche atual o mesmo passou por um trauma muito grande na antiga creche, pois um dia ela não se atentou que o mesmo sairia mais cedo e quando chegou para busca-lo ele estava sozinho em sala com a professora a qual falava muitas coisas que segundo ela pareciam maldosas. Após isso ter acontecido Guilherme não quis voltar mais para creche, Luisa decepcionada com a atitude da professora decidiu por matricula-lo em outro lugar.

A adaptação escolar necessita de mais estratégias do professor e da escola para que seja mais eficiente, pois se deve ter a preocupação para possíveis causas de danos, traumas e constrangimentos para criança (ESCANDIEL; MACHADO; BARBOSA; SAVEGNAGO. 2014).

Em relação ao seu comportamento anteriormente à sua matrícula, Luisa relata que Guilherme, devido o trauma causado, ficou muito mais apegado a ela, não querendo se desvincular. A mãe percebeu que ao tentar se aproximar de colegas no parquinho ele não conseguia brincar junto com as outras crianças. Ao matricular Guilherme na creche atual, Luisa me informou que ele chorava muito ao saber para onde estava indo.

Luisa, Mãe: *O comportamento dele antes de eu matricular aqui? vamos lá, ele estava com muito trauma de creche devido à creche que ele estava antes, ele não queria ir para creche e me perguntava toda hora se eu ia demorar, estava inseguro e chorava muito para ir para escolinha.*

Uma semana de matrícula:

Na primeira semana tanto a mãe como a professora, contam que Guilherme ainda estava inseguro e perguntava muitas vezes se a mãe ia demorar em ir busca-lo e chorava bastante para entrar.

Luisa, Mãe: *Na primeira semana ele ainda estava com resquícios da escola passada, ficava inseguro e perguntava toda hora que horas eu ia buscar ele e se eu ia demorar.*

A professora relatou que Guilherme chorava por um tempo, mas parava ao longo do dia, ainda assim perguntava bastante se a mãe dele já estava chegando ou se ela iria demorar. A professora disse que o acalentava dizendo que ali na sala ele podia usar a imaginação e disse que ali tudo era mágico, mas ele discordou. Ela percebeu que quando dizia que a mamãe iria chegar logo após o jantar ele ficava mais tranquilo.

Professora: *Na primeira semana foi muito difícil, pois ele chorava muito e chamava muito pela mãe.*

No processo da adaptação a criança tem dificuldade em sair de sua rotina e comodidade da família para que assim possa ser inserida em uma rotina diferente, com pessoas diferentes e em um ambiente diferente. Nesse processo é importante que a professora e a escola estejam atentas e preparadas para realizarem um planejamento para uma adaptação bem feita com a ideia de um acolhimento que possa trazer conforto para criança e para a família nesses primeiros dias de aula (ANDRADE, 2016).

Um mês de matrícula:

Após o primeiro mês a mãe relatou que percebeu uma diferença bem grande no comportamento de Guilherme em termos de segurança e até mesmo em relação a estado emocional. Após um mês já não perguntava mais sobre os horários que iriam buscar ele na creche. A professora conta que nesse primeiro mês em alguns dias o

Guilherme entrava chorando, porém ao chegar na sala logo se distraia com os amigos. Ela conta que o aluno fez amizade com uma menina a qual tem muito carinho e que acredita que essa aproximação foi muito importante para sua adaptação, diz ainda que os amigos ajudaram bastante nesse processo.

Luisa, Mãe: (...) *Muito mais seguro de ir para a escola e ficar la sozinho sem os pais, estava se sentindo mais acolhido.*

Professora: *Dentro de sala os amigos ajudaram a superar esse medo da mãe não ir buscar. Um dia o amigo disse “Guilherme, os adultos sempre vem buscar” (...) Gradativamente o choro foi cessando. Eu dizia Guilherme, quando a tia falar assim vamos calçar os sapatos para ir para o jantar, o papai e a mamãe vão estar lá em baixo esperando.*

Três meses de matrícula:

Segundo a mãe e a professora de Guilherme, o aluno está completamente adaptado. Hoje já não pergunta mais sobre os horários que os pais vão busca-lo e nem chora para entrar na creche. Guilherme participa de todas as atividades, bem como Educação física, Jardinagem, Música e Capoeira e se socializa com todos os amigos em especial com uma “amiguinha” a qual ele se identificou muito após sua matrícula, essa questão pode ser entendida pela colocação feita por Piccinini e Bortolini (2017) que fala que as representações de apego são formadas pelas experiências de apego vividas e que as experiências de apego vivenciadas no passado podem dar novo sentido a representações mentais atuais, sendo assim desenvolve um novo comportamento de apego, entende-se com isso que um amigo ou amiga pode proporcionar uma base segura para experiências passadas desastrosas.

Considerações sobre o brincar:

Brincar é considerado um comportamento que envolve a criança e ela mesma o qual é livre, é devido prazer que a criança coloca em prática sem ser obrigada (KISHIMOTO,1988).

Segundo mãe e professora, Guilherme teve uma evolução em relação ao brincar, evolução esta que será falada em entrevista a baixo.

Antes da matrícula:

Em relação aos momentos de brincadeira, a mãe informou que Guilherme não tinha o costume de brincar sozinho, gostava mais de brincar com os pais.

Luisa, Mãe: *Antes de ser matriculado na creche atual ele não se interessava pelos seus brinquedos.*

Segundo Morais e Otta (2003) o brincar pode ser influenciado por alguns aspectos o que os autores chamam de zona lúdica o espaço que o brincar ocorre, este espaço se constitui por três componentes, componentes esses que podem ter influencia no brincar de uma criança fazendo com que ela tenha um comportamento específico em cada situação. Os três componentes são: As experiências e recursos que cercam a criança, brinquedos que a criança tem acesso e o espaço em que ela está inserida e o tempo dado ou dedicado para alguma brincadeira.

Uma semana de matrícula:

Segundo Luisa, com uma semana de matriculado Guilherme ainda não se interessava em brincar sozinho, costumava ficar mais no tablet ou celular e brincava mais quando os pais estavam próximos. Segundo a professora de Guilherme, nos momentos de brincadeira o aluno costumava dizer que estava cansado e que queria deitar para esperar a mãe chegar, sendo assim a professora respeitava esse momento dele. É importante entender que a brincadeira da criança é algo dinâmico e que em cada momento a criança brinca de uma forma assim como a forma de brincar, sendo assim a criança deve se sentir confortável e livre para brincar da forma que preferir e usar sua imaginação para tal estando sozinha ou acompanhada (NAVARRO; PRODOCIMO, 2012).

Um mês de matrícula:

Com um mês de matriculado a mãe fala que Guilherme se interessava mais pelos seus brinquedos e que imaginava bastante em suas brincadeiras. Na escola a professora informou que Guilherme começou a interagir mais com os amigos na brincadeira e que aceitava mais participar desses momentos.

Três meses de matrícula:

Completados os três meses de matriculado, Luisa conta que está surpresa com o desenvolvimento de Guilherme conta ainda que fica encantada com a forma que ele brinca hoje imaginando e até inventando brincadeiras em casa com seus

brinquedos. Na escola ele se interessa muito em brincar com os carrinhos e pista de carros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se apresentar nesse artigo como a adaptação escolar pode influenciar na relação de apego com sua família e ainda como um acolhimento bem feito por parte da escola e dos profissionais de lá podem auxiliar nesse processo.

No período de adaptação a criança principalmente, mas os pais e a escola estão em um processo de aprendizagem, pois passam a se acostumar com uma nova rotina em seu dia a dia (ESCANDIEL; MACHADO; BARBOSA; SAVEGNAGO, 2014).

Através das entrevistas feitas com mãe e professora do aluno foi possível perceber como é importante respeitar o período de adaptação e os estágios que esse processo de apego tem. Foi possível observar que ao entrar na creche a criança teve dificuldade em perceber que a mãe estava deixando ali, mas que em algumas horas ela iria retornar para busca-lo. O que influenciou a dificuldade na adaptação foi o trauma passado em outra escola, porém com o carinho da professora e a compreensão da mãe foi possível que a adaptação fosse feita e a criança estivesse adaptada hoje.

REFERÊNCIA

ABELEIRA, Maria Isabel Reis. **Processo de Adaptação Escolar na Instituição de Educação Infantil**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Unipli, Niterói, 2011. Disponível em: www.unipli.com.br/mestrado/artigos/Dissertacaomariaisabel.pdf. Acesso em: 30. maio. 2019.

ANDRADE, Maria Ináuria Ferreira de. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2569/6/OProcessoDeAdapt%C3%A7%C3%A3oEAcolhimento_Artigo_2016.pdf. Acesso em: 31 mai. 2019.

AVERBUCH, A. R. **Adaptação de bebês à creche: O ingresso no primeiro ou segundo semestre de vida**. Dissertação de Mestrado não publicada. Mestrado em

Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. 1999.

BALABAN, N. **O início da vida escolar: Da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1988.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de Psicologia do desenvolvimento**. 12ª edição, São Paulo: Editora Ática, 2002.

BORTOLINI, Marcela; PICCININI, Cesar Augusto. Representação de apego materna, relação mãe-criança e apego inseguro do filho: um estudo qualitativo. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 17, 2017.

BOWLBY, J. **Apego: A natureza do vínculo** (A. Cabral, Trad.). Em J. Bowlby (Org.), Trilogia Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969). 1990.

BOWLBY, John. **Apego e perda**. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

BRUM, Evanisa Helena Maio de; SCHERMANN, Lígia. **Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil**: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. 2003. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20399.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

DANTAS, Ana Sueli Melo. **Crianças em creche**: um espaço onde o cuidar e o educar caminham juntos. Site Psicologado Artigos, 2015. Disponível em: <mailto:https://psicologado.com/atuação/políticas-publicas/crianças-em-creche-umespaco-onde-o-cuidar-e-o-educar-caminham-juntos>. Acesso em: 01. Jun. 2019.

ESCANDIEL, Graziela; BARBOSA, Karen; MACHADO, Miriã Roncatto; SAVEGNAGO, Renata. **“REPENSANDO A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL”**. 2014. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_25_05_2014_15_31_43_idinscrito_656_c5921b859a859405703c876e29cf4c4b.pdf. Acesso em: 01 jun. 2019.

FERREIRA, Gisele Vieira. **O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos**. Rio Grande do Sul. 2007.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: atendimento em creche**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KISHIMOTO, T.M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira. 1988

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática. São Paulo. 1991.

MARTORELL, Gabriela. **O desenvolvimento da criança: do nascimento à infância**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

MORAIS MLS, OTTA E. Entre a serra e o mar. In: Carvalho, AMA, Magalhães, CMC, Pontes, FAR, Bichara, ID, organizadores. **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.

MENON, Aline; CORSO, Angela Maria. **Adaptação infantil: A relação entre a instituição infantil e a família**. Irati. Paraná. 2012

NASCIMENTO, Giselly Santos do. **Entrada da criança na educação infantil e o processo de adaptação: as relações entre pais, crianças e professores no desenvolvimento do processo educativo**. 2017. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/13839>. Acesso em: 20 maio 2019.

NAVARRO, Mariana Stoeterau; PRODOCIMO, Elaine. Brincar e mediação na escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre , v. 34, n. 3, p. 633-648, Sept. 2012 .

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 211.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. AMGH Editora Ltda. 2009.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche: a importância da atenção de pais e educadoras**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos**. 2001. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S.; VITÓRIA, T. **A Creche enquanto Contexto Possível de Desenvolvimento da Criança Pequena**. Rev. Bras. Cresc. Des.Hum., São Paulo, V 4, Nº2. 1994.

SANTANA, Katiane Cardoso; MATA, Áurea Augusta Rodrigues da. **A importância da educação infantil para o desenvolvimento do indivíduo**. 2016. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2016. Disponível em: mailto:<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA17_ID2022_09062016000008.pdf>. Acesso em: 31. Maio. 2019.

VAN IJZENDOORN, Marinus. **Apego nos primeiros anos de vida (0-5) e seu impacto no desenvolvimento das crianças**. Porto Alegre: Tema, 2005. Disponível em: <http://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/textes-experts/pt-pt/2277/apego-nos-primeiros-anos-de-vida-0-5-e-seu-impacto-no-desenvolvimento-das-criancas.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2019.

VITÓRIA, Telma; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Processos de adaptação na creche**. Cad. pesq. São Paulo, 1993.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

WINNICOTT, Donald Woods. **Preocupação materna primária**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1956.